

## “Pelo bem de Israel”: uma ode ao Mossad

---

*Andrey Augusto Ribeiro dos Santos<sup>1</sup>*

Recebido: 03/05/2016

Aprovado: 10/06/2016

Inteligência é um conhecido eufemismo para espionagem, embora não se resuma especificamente a esta atividade. Compreende o conjunto de organizações, modelos de provisão de serviços e procedimentos operacionais relativos à obtenção, análise e disseminação de informação relevante sobre ameaças à segurança ou defesa de um país. Assim, é apontada como uma dimensão das Relações Internacionais localizada entre a diplomacia e a guerra que cresceu continuamente desde o fim do século XIX, principalmente durante e após a Guerra Fria.

Provavelmente os serviços de inteligência mais conhecidos mundialmente são a CIA (Central Intelligence Agency) e a KGB (Komitet Gosudarstvennoi Bezopasnosti), respectivamente os serviços norte-americano e soviético, muito ativos durante a Guerra Fria e muito famosos, em boa parte graças a uma série de produtos culturais que exploram suas imagens, como filmes e jogos. Porém, vários países possuem seus próprios serviços de inteligência, dentre estes um dos mais conhecidos é o Mossad, o serviço secreto israelense.

Este nasceu oficialmente em 1951, mesmo que suas bases tenham sido plantadas ainda nos anos 1930, em meio às tensões crescentes entre árabes e judeus na Palestina. É frequentemente citado como “o melhor serviço secreto do mundo” e aponta-se que alcançou este título por necessidade, já que num país cercado de inimigos como Israel, manejar inteligência é crucial para prevenir ataques e punir agressores. Assim, é com a proposta de “tirar das sombras” as missões desta agência de inteligência e os envolvidos nelas que Michael Bar-Zohar e Nissim Mishal nos apresentam *Mossad: as grandes missões do serviço secreto israelense*.

Michael Bar-Zohar é um historiador, romancista e político israelense nascido na Bulgária. Mudou-se para Israel em 1948 e estudou Economia e Relações Internacionais na Universidade Hebraica de Jerusalém e no Instituto de Ciência Política da Universidade de Paris, fazendo também carreira na política israelense, sendo filiado ao Partido Trabalhista e fazendo parte do Knesset<sup>II</sup> durante os anos 1980 e 1990. Possui várias publicações, incluindo biografias de David Ben-Gurion e Shimon Perez, livros sobre as organizações de segurança israelenses e sobre o resgate de judeus búlgaros das mãos do regime nazista durante a Segunda Guerra Mundial.

Nissim Mishal se graduou em Ciência Política e entrou para o corpo de funcionários da emissora estatal israelense, tendo atuado nesta como repórter político, correspondente em Washington e diretor-geral. No quinquagésimo e sexagésimo aniversários do Estado de Israel lançou dois livros de sucesso sobre grandes eventos da História do país, também publicou um livro sobre os dois mil anos do judaísmo junto com o professor Shlomo Ben-Ami, ex-ministro israelense de negócios estrangeiros.

A obra dos dois autores é composta de vinte e um capítulos, cada um dedicado a uma operação, onde são demonstrados alguns fracassos e acertos do Mossad. O livro narra muitas missões famosas do serviço israelense, mostrando geralmente como alvos os países árabes hostis a Israel como Irã, Iraque, Síria e Egito. Missões que tem a União

Soviética como alvo também aparecem, além da busca por criminosos nazistas escondidos na América do Sul.

Entre estas, algumas histórias famosas estão presentes. A conhecida operação que raptou Adolf Eichmann, ex-coronel da SS apontado como responsável pela “solução final” para os judeus, na Argentina e o levou a julgamento em Israel é mostrada no capítulo *Tragam Eichmann morto ou vivo!* A suposta interceptação do discurso secreto de Nikita Khrushchev ao Vigésimo Congresso do Partido Comunista, no qual este revelou os crimes de Josef Stalin, por agentes do Mossad que logo depois o entregaram a CIA também é narrada em *Oh, isto? É o discurso de Khrushchev...*

No capítulo intitulado *A busca pelo príncipe vermelho* os autores contam a história da operação Cólera de Deus. Esta foi colocada em execução após o grupo palestino intitulado Setembro Negro assassinar onze atletas da federação israelense presente nas Olimpíadas de Munique em 1972, como resposta agentes do Mossad caçaram e assassinaram os envolvidos no atentado em vários locais do mundo. Porém, a agência enfrentou um grande revés quando seus agentes mataram um inocente por engano na Noruega, acreditando que este era Ali Hassam Salameh, líder da organização terrorista.

O Brasil também é citado. No capítulo *Aqueles que não esquecerão* é narrada a história da caça empreendida pelo Mossad a Herberts Cukurs, um criminoso de guerra acusado de vários crimes contra judeus, nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Além destas, várias missões envolvendo sabotagem de programas atômicos de vizinhos árabes, busca e assassinato de terroristas e espíões inimigos em territórios estrangeiros e resgates de populações judias em nações hostis também são contadas.

A linguagem do livro é acessível, os autores conseguem narrar as missões num ritmo rápido e agradável, além de preencher o texto com diálogos imaginativos. Os personagens também ganham descrições muito detalhadas e dados curiosos são mostrados ao leitor. Tudo isto faz com que o livro tenha um ar de romance sobre espionagem capaz de seduzir muitos leitores curiosos. Talvez daí venham as afirmações sobre o sucesso de vendas apresentadas pelos autores nos agradecimentos, porém, a obra possui pontos negativos que chamam muita atenção.

O livro aparentemente faz uso de uma farta quantidade de fontes: entrevistas com os envolvidos nas missões, livros e principalmente artigos de jornais. É daí que aparece seu primeiro ponto negativo. O periódico *Haaretz* citou a obra como objeto de uma investigação que acusava os autores de copiar os livros e artigos do jornalista Ronen Bergman, sem lhe dar o devido reconhecimento. Bar-Zohar afirmou que realmente seguiu os estudos de Bergman de perto, e que na verdade tinha feito isto com a intenção de evitar problemas com a censura militar israelense.

Os três autores firmaram um acordo que incluía uma compensação financeira para Bergman. Em seguida, este reclamou que Bar-Zohar e Mishal teriam violado o trato e escreveu a diversas editoras estrangeiras, buscando impedir a publicação internacional da obra. Após isto os dois lados jogaram uma série de processos um sobre o outro alegando, entre outras acusações, difamação, plágio e roubo de propriedade intelectual.

Porém, o grande problema da obra está na imparcialidade no tratamento e interpretação dos fatos apresentados. Os autores exaltam a “brava luta dos corajosos heróis do Mossad” contra os “árabes terroristas e cruéis”. Assim, os inimigos de Israel são mostrados de tal forma que a única impressão deixada para o leitor é de que eles são terroristas, os agressores, enquanto as histórias de busca e assassinato do Mossad são abordadas de uma forma macia, com a justificativa de que tudo foi feito pelo bem de Israel.

Isto fica aparente também na escolha das missões a serem narradas, assim como na seleção de fontes escolhidas. Apesar de se propor a apresentar erros e acertos do serviço de inteligência israelense, os fracassos são uma quantidade reduzida do material apresentado. Já uma olhada rápida nas fontes utilizadas poderá acusar o caráter pró-Israelense que elas possuem, o que não seria problema caso a interpretação feita delas não fosse empreendida de forma tão maniqueísta.

Consequentemente, os autores também pecam muitas vezes em demonstrar o peso das missões do Mossad num painel mais geral, principalmente as operações envolvendo violações dos direitos humanos. O quanto elas aproximam Israel de se tornar um Estado Terrorista? E qual o custo delas, se levarmos em conta as retaliações que criam um círculo vicioso no qual esta região está imersa há tanto tempo? Parece que a resposta dada para estas questões na obra aparece num ditado citado durante o livro: “*Se alguém está tentando te matar, se levante e o mate primeiro*”.

Considerando o seu caráter desprovido de parcialidade, além das polêmicas que envolvem a sua redação, *Mossad: as grandes missões do serviço secreto israelense*, apesar de agradável para um curioso, não é recomendado para aqueles que querem mais do que uma leitura rasa sobre a agência de inteligência israelense. Assim, apesar de poder ser encontrado nas estantes de História de algumas livrarias, esta obra se apresenta mais como um apanhado de histórias de espões do que como um estudo mais aprofundado sobre uma organização profundamente envolvida num dos conflitos mais complexos da atualidade.

## Notas

---

<sup>1</sup> Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHC/UFRJ), bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES) e integrante do Grupo de Estudos do Tempo Presente (GET/UFS).

<sup>2</sup> Parlamento de Israel.

## Referências bibliográficas

BAR-ZOHAR, Michael; MISHAL, Nissim. **Mossad: as grandes missões do serviço secreto israelense**. 1º ed. Rio de Janeiro: Solomon, 2014.

MAIA, Sela. **Mossad Book Sparks NIS 4 Million Lawsuit by Journalist. Ronen Bergman claims authors plagiarized his work, in the latest twist of a legal battle over the story of Israel's secret service**. Disponível em: <http://www.haaretz.com/israel-news/.premium-1.557308>. Último acesso em 16 de Setembro de 2016 às 02:39.

ROGER, Howard. **Mossad: The Great Operations, By Michael Bar-Zohar & Nissim Mishal. Have the spy missions of its fabled agents done Israel's cause more harm than good?** Disponível em: <http://www.independent.co.uk/arts-entertainment/books/reviews/mossad-the-great-operations-by-michael-bar-zohar-nissim-mishal-8368345.html>. Último acesso em 16 de Setembro de 2016 às 02:31.